



QUALIDADE DE VIDA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

RECYCLABLE MATERIALS COLLECTORS' QUALITY OF LIFE: AN ETNOGRAPHY STUDY

LA CALIDAD DE VIDA DE LOS RECICLADORES DE MATERIALES: UN ESTUDIO ETNOGRÁFICO

Júlia Cristiane Schultz Pereira

julinh@floripa.com.br

UNIVALI

Christiane Kleinübing Godoi

chriskg@univali.br

UNIVALI

Ana Lúcia de Araújo Lima Coelho

alalcoelho@gmail.com

UNIVALI

QUALIDADE DE VIDA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

Resumo

Os indivíduos que desempenham seu trabalho por meio da coleta seletiva e venda de materiais recicláveis, também chamados de catadores, são os sujeitos deste estudo etnográfico. O objetivo desta pesquisa residiu em compreender a manifestação das categorias da Qualidade de Vida (QV) na Associação de Coletores de Materiais Recicláveis (ACMR), localizada em Florianópolis/Santa Catarina. O fascínio por conquistas, materiais ou não, tornou-se sinônimo da QV, entendida como o somatório das condições econômicas, ambientais, científico-culturais e políticas, coletivamente construídas e postas à disposição dos indivíduos para poderem realizar suas potencialidades. No caso da ACMR, o que move esses indivíduos a estarem juntos nesta associação é a busca constante por condições tais como: alimentação, lazer, emprego, saúde, educação foram algumas categorias identificadas neste estudo.

Palavras-chave

Qualidade de vida; Catadores; Materiais recicláveis; Etnografia.

Abstract

Individuals who perform their work through selective collection and sale of recyclable materials, also called collectors, are the subject of this ethnographic study. This study's goal attempts to understand the manifestation of the categories of Quality of Life (QL) of recyclable material collectors Association of Collectors of Recyclable Materials (ACMR), in Florianópolis/Santa Catarina. The fascination with achievements, material or otherwise, has become synonymous with QL, commonly understood as the sum of economic, environmental, scientific, cultural and political, collectively constructed and made available to individuals in order to realize their potential. In the case of ACMR, what drives them to be together in this association is the constant search for conditions like: food, leisure, employment, health, education, some categories were identified in this study.

Keywords

Quality of life; Collectors; Recyclable materials; Ethnography.

Resumen

Las personas que realizan su trabajo a través de la recolección selectiva y venta de materiales reciclables, también llamados clasificadores o recicladores, son los sujetos de este estudio etnográfico. Como objetivo se intenta comprender la manifestación de categorías de calidad de vida (QV) de los clasificadores de materiales reciclables de la Asociación de Recolectores de Materiales Reciclables (ARMR), en Florianópolis/Santa Catarina. La fascinación por los logros, materiales o no, se ha convertido en sinónimo de QV, entendida como la suma de las condiciones económicas, ambientales, científico-culturales y políticas, colectivamente construidas y puestas a disposición de las personas con el fin de que puedan realizar sus potencialidades. En el caso de la ARMAR, lo que lleva estos individuos a estar juntos en esta asociación es la búsqueda constante de condiciones como: alimentación, ocio, empleo, salud, educación.

Palabras-clave

Calidad de vida; Recicladores; Materiales reciclables; Etnografía.

1 Introdução

O tema qualidade de vida (QV) faz lembrar que o século XX foi considerado um período de progressos, grandes descobertas, desenvolvimentos (MOREIRA, 2001). O desenvolvimento trouxe consigo também o subdesenvolvimento e, na mesma intensidade em que o progresso foi experimentado, vieram com ele as regressões, vivenciando nesse período o verdadeiro significado de crise, quando os perigos conviveram com as oportunidades de mudança. Assim, a modificação dos padrões de consumo da população e o crescimento acelerado do processo de industrialização provocou um aumento representativo e, muitas vezes, descontrolado da produção de lixo. Neste cenário estão os chamados catadores que representam um imaginário estigmatizado pela sociedade, isto é, o envolvimento com material que alguém descartou e do qual quis se livrar, faz com que a figura do catador também esteja associada ao próprio lixo.

Apesar de estarem buscando uma forma de inserção no mundo social e no mercado de trabalho, os catadores realizam uma atividade relevante em relação ao meio ambiente. No cenário específico desta pesquisa, optou-se por situar a temática da QV no âmbito dos problemas sociais, mais especificamente com a população de catadores de materiais recicláveis, isto é, indivíduos que desempenham seu trabalho por meio da coleta seletiva e venda de materiais recicláveis. Dessa maneira, este estudo circula em torno dos fatores da QV dos trabalhadores da Associação de Coletores de Materiais Recicláveis (ACMR) de Florianópolis/SC.

Na definição de Zular (2006), QV é um conceito amplo que envolve os seguintes indicadores: saúde, alimentação, prática regular de exercícios físicos, boa relação com os familiares, presença de um círculo de amigos, trabalho prazeroso, bom clima de trabalho, contribuição com a sociedade e lazer. Essa qualidade de vida mencionada pelo autor é difícil de ser encontrada em plenitude, uma vez que o indivíduo tende a valorizar mais um ou outro aspecto da sua vida, sendo os demais relegados a um segundo plano, quando não inexistentes. Dessa forma, quanto mais indicadores fizerem parte de um mesmo conceito, a tendência de encontrá-los será menor em comparação àqueles cuja abordagem é menos ampla.

Com base nesse contexto, o objetivo geral que se pretendeu alcançar foi: compreender a manifestação das categorias da qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis da ACMR. Fundamentando-se neste, surgem os seguintes objetivos específicos: identificar a percepção dos catadores de materiais recicláveis sobre os fatores de qualidade de vida; e analisar a manifestação dos fatores da qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis da ACMR.

A metodologia empregada foi a pesquisa etnográfica. A escolha do método, de acordo com Tedlock (2000), justifica-se por ser utilizado em diferentes áreas, incluindo educação, consultoria, estudos organizacionais, planejamento, psicologia, enfermagem, psiquiatria, direito, criminologia, gestão e engenharia industrial. O estudo e a compreensão da manifestação da QV dos catadores de materiais recicláveis da ACMR requerem uma metodologia que se aprofunde na pesquisa. Sendo assim, a pesquisa etnográfica cumpre esse importante papel que permite desvendar o que possa parecer escondido. Neste estudo a realização da metodologia se deu através de observação, entrevistas em profundidade, transcrição e interpretação dos dados.

A seguir, estruturam-se as seguintes seções: a) a qualidade de vida no campo social; b) a caracterização dos catadores de materiais recicláveis; c) o design etnográfico da pesquisa; d) a análise e discussão dos resultados; e, por fim, e) as considerações finais e recomendações.

2 Referencial Teórico

2.1 Qualidade de vida: Introdução à inserção no campo social

Freqüentemente utilizada pela população em geral, por jornalistas, políticos e executivos, bem como em pesquisas direcionadas a várias especialidades como sociologia, medicina, enfermagem, psicologia, economia, geografia, história social e filosofia (FARQUHAR, 1995a, 1995b), a expressão Qualidade de Vida (QV) tornou-se um tema significativamente relevante.

De maneira clássica, Bowling (1995, p.1448) define qualidade de vida como sendo “a extensão em que prazer e satisfação têm sido alcançados”. Desta maneira, os fatores que de algum modo influenciam direta ou indiretamente na vida das pessoas podem ser considerados como indicadores de QV. É possível encontrar em cada autor uma forma muito própria de entender o tema em questão. Para Rosário (2001, p. 158), a QV “assume aos olhos de cada observador os contornos desenhados pela sua sensibilidade, cultura, seus meios econômicos e, quantas vezes, por alienações e frustrações”.

Simões (2001) acredita que a apropriação do dinheiro, do lucro do capital, a possibilidade de comprar imóveis, o fascínio por conquistas (materiais) são sinônimos de QV. Esse privilégio, no entanto, é temporário ou exclusivo de um grupo, o que significa que a sociedade estabelece metas externas ao indivíduo e a situação é controlada por meio de recompensas sociais que, se não forem atingidas, geram frustrações, na mesma medida em que, quando conquistadas, projetam novas necessidades e novas conquistas.

Herculano (1997) propõe que QV pode ser definida como a soma das condições econômicas, ambientais, científico-culturais e políticas, coletivamente construídas e postas à disposição dos indivíduos para poderem realizar suas potencialidades. Condições estas que inclui o acesso à produção e ao consumo, aos meios para produzir cultura, ciência e arte, bem como pressupõe a existência de mecanismos de comunicação, informação, participação e influência nos destinos coletivos, por meio da gestão territorial que assegure água e ar limpos, questões ambientais, equipamentos coletivos urbanos, assim como preservação de ecossistemas naturais.

A QV tem sido preocupação constante na vida do ser humano, desde o início de sua existência e cada vez mais se torna um compromisso pessoal e uma busca contínua de uma vida melhor, desenvolvida à luz de um bem-estar indissociável das condições do modo de viver, como saúde, moradia, educação, lazer, transporte, liberdade, trabalho, auto-estima, dentre outras (SANTOS et al., 2002).

Conceição et al. (2004) asseveram que a QV de uma pessoa ou de uma comunidade é definida pelas condições de habitação. Por sua vez, os atributos que concedem maior ou menor grau de conformidade desses requisitos às necessidades de um habitat sustentável relacionam-se diretamente às características socioeconômicas e culturais de cada comunidade.

Na compreensão de Campos (1996), a ascensão econômica e social também faz parte do chamado nível de vida, isso porque a sociedade ainda tem a crença de que a quantidade tenha relação muito próxima com a qualidade. Dessa forma, relacionar QV e moradia é se deparar com uma série de fatores políticos e econômicos que definem essa relação em comunidades e épocas distintas.

Aslaksenet al. (1999) alegam que pode até parecer ambicioso ou ingênuo querer definir QV no contexto da economia, em que esta tem associação direta às questões de renda e consumo de bens e serviços do mercado como sendo parâmetros para se definir uma vida boa. Assim, a QV é vista por uns como a possibilidade de comprar, de ter acesso a determinados bens ou serviços, de que quanto mais se consegue adquirir, maior são as condições de vida de uma pessoa e, conseqüentemente, quem tem tal poder de aquisição é bem-sucedido.

A QV de uma população depende, segundo Adriano et al. (2000), de suas condições de existência, do acesso a determinados bens e serviços econômicos e sociais, tais como emprego, renda, educação, alimentação, bons serviços de saúde, saneamento básico, habitação, transporte de qualidade. Assim, o conceito de bem-estar de QV varia de acordo com cada sociedade e sua cultura.

Fortunato e Ruscheinsky (2003) observam que a definição de QV varia em grande medida de acordo com o rol de aspectos ambientais que nela se contemplam. Para alguns se destacam as questões relativas ao consumo e a capacidade de inclusão social, enquanto que para outros a relevância está no ambiente social, podendo envolver questões como, por exemplo, relações sociais, qualidade do acesso à educação, inserção no mundo do trabalho, liberdade de expressão e participação política, condicionamentos culturais e abrangência da democracia.

A necessidade do estilo de vida de uma pessoa ter qualidade é abordada por França e Rodrigues (1997), pois eles acreditam haver seis aspectos importantes: alimentação, atividade física regular, tempo de repouso adequado, espaço para o lazer e diversão, trabalho contendo a possibilidade de realização e inserção em um grupo social (de apoio). Para os autores, na sociedade, em face do ritmo de vida levado pelas pessoas, a alimentação é relegada a um segundo plano por causa de compromissos inadiáveis. Existe uma inversão por hábitos indesejáveis e nocivos ao bom funcionamento do organismo. A atividade física também precisaria ser realizada de forma regular e com acompanhamento médico. De igual modo, o tempo de repouso – considera-se o tempo de sono como sendo repouso –, deveria variar de seis a dez horas diárias, de acordo com a necessidade individual.

A QV, conforme aponta Simões (2001), considera ao mesmo tempo a conservação da vitalidade e da diversidade do planeta Terra e a concentração na melhoria das condições de vida das pessoas, baseando-se na construção de valores, economias, sociedades diferentes da maioria existente no mundo de hoje. Baseando-se nesse pensamento, é possível afirmar que há uma busca por melhores condições de vida tanto no âmbito dos seres humanos quanto em uma esfera maior, em que há a consciência da necessidade da preservação do planeta na sua totalidade.

Fortunato e Ruscheinsky (2003), por sua vez, alegam que a realização de políticas públicas, por meio do envolvimento dos cidadãos com as questões ambientais, venha buscar uma oportunidade de concretizar o sonho de QV. Magera (2003) ratifica tal posicionamento quando declara que preservar o meio ambiente e adotar políticas de desenvolvimento sustentável passaram de modismo ou ideologia de ecologistas para uma realidade acerca da necessidade universal na preservação da espécie humana na terra.

França e Rodrigues (1997) notam que os movimentos mundiais, as missões envolvendo a preservação ambiental, a promoção do estilo de vida nas organizações, os movimentos preventistas e sindicais e, ainda, a universalização do direito à saúde potencializam o direito à QV e são indispensáveis à vida moderna. Todavia, nem sempre houve a preocupação por

promover a QV e, atualmente, a busca por ela manifesta-se nas mais variadas áreas. Em vista disso, ações empresariais, pessoais, manifestações em busca da melhor QV têm sido cada vez mais frequentes e, por consequência, mais valorizadas também.

A saúde também está diretamente relacionada com a QV, conforme assevera Buss (2000) ao verificar que esta inclui um padrão adequado de: (a) alimentação e nutrição; (b) habitação e saneamento; (c) boas condições de trabalho; (d) oportunidades de educação ao longo de toda a vida, não se limitando apenas a um período; (e) ambiente físico limpo; (f) apoio social para famílias e indivíduos; (g) estilo de vida responsável; e (h) um espectro adequado de cuidados de saúde.

Nesse sentido, Trevizan (2000) verifica que a educação e a saúde constituem dois pontos centrais para se construir a QV. Estes são pré-requisitos para se conquistar novas condições mentais e habilidades necessárias ao processo de mudança. A educação como ciência significa a capacidade de superação dos obstáculos que impedem o processo de busca do saber, em todos os campos do conhecimento; como nível de formação, representa uma quantidade e qualidade de saberes capazes de iniciar um processo de transformação. A saúde, por sua vez, estimula ou impede a ação indispensável para concretizar o processo de mudança.

A QV relacionada ao lazer é vista por Marcellino (2001) como uma perspectiva terapêutica, de forma que esta seria uma válvula de escape da falta de QV ou até da baixa QV, de uma sociedade injusta e perversa. É raro abordar tal questão como a possibilidade da vivência de valores diferenciados no lazer, de forma que a QV não se fizesse presente apenas nas férias, feriados ou finais de semana, mas no cotidiano da vida das pessoas, mediante a consideração de valores que questionem a própria ordem estabelecida. Na visão de Figueiredo (1995), as tecnologias nucleares aplicadas à saúde, ao suprimento energético e à agricultura, dentre outras finalidades, geralmente contribuem para melhorar a QV.

As categorias da QV neste estudo são descritas num quadro síntese, que permite visualizar os fatores apresentados por diversos autores:

Quadro 1 – Quadro síntese de categorias da QV

| Categorias | Definições | Autores |
|----------------------------|---|--|
| Alimentação | Há seis aspectos importantes relacionados à QV, dentre eles está a alimentação. (FRANÇA; RODRIGUES; 1997, p. 112-113) QV é um conceito amplo que envolve alguns indicadores tais como alimentação. (ZULAR, 2006) | Adriano et al., 2000; Buss, 2000; França e Rodrigues, 1997 Zular, 2006. |
| Lazer | A QV relacionada ao lazer é vista como uma perspectiva terapêutica, de forma que esta seria uma válvula de escape da falta de QV ou até da baixa QV. (MARCELLINO, 2001, p. 45) QV está relacionada ao espaço para o lazer e diversão. (FRANÇA; RODRIGUES, 1997, p. 112-113) | França e Rodrigues, 1997; Marcellino, 2001; Santos et al., 2002; Zular, 2006. |
| Emprego/trabalho (serviço) | A definição de QV varia em grande medida de acordo com o rol de aspectos ambientais que nela se contemplam a relevância para uns pode estar no ambiente social e envolver por exemplo a inserção no mundo do trabalho. (FORTUNATO; RUSCHEINSKY (2003, p. 35-36) A QV relaciona-se com as boas condições de trabalho (BUSS, 2000) | Adriano et al.,2000;Buss, 2000; Fortunato e Ruscheinsky, 2003; França e Rodrigues, 1997; Zular, 2006 |
| Saúde | O direito à saúde é uma das questões que potencializam o direito à QV e são indispensáveis à vida moderna. (FRANÇA; RODRIGUES, 1997, p. 18) | Adriano et al., 2000; Buss 2000; França e Rodrigues, 1997; |

| | | |
|--|---|--|
| | As tecnologias nucleares aplicadas à saúde, ao suprimento energético e à agricultura, dentre outras finalidades, geralmente contribuem para melhorar a QV. (FIGUEIREDO, 1995, p. 17) | Figueiredo, 1995; Santos et al., 2002; Souza; Carvalho, 2003; Trevizan, 2000; Zular, 2006; Minayo, Hartz e Buss (2000); Minayo e Miranda (2002). |
| Renda (recursos econômicos) para o consumo de bens e serviços (fascínio por conquistas materiais, ascensão econômica e social) | Pode até parecer ambicioso ou ingênuo querer definir QV no contexto da economia, em que esta tem associação direta às questões de renda e consumo de bens e serviços do mercado como sendo parâmetros para se definir uma vida boa. (ASLAKSEN et al., 1999, p. 79) A apropriação do dinheiro, do lucro do capital, a possibilidade de comprar imóveis, o fascínio por conquistas (materiais) são sinônimos de QV. (SIMÕES, 2001, p. 172) | Adriano et al., 2000; Aslaksenet al. 1999; Campos, 1996; Figueiredo, 1995; Fortunato e Ruscheinsky; 2003; Herculano, 1997; Simões, 2001. |
| Educação (acesso à educação, condições científico-culturais) | A educação constitui um dos pontos centrais para se construir a QV. A educação como ciência significa a capacidade de superação dos obstáculos que impedem o processo de busca do saber, em todos os campos do conhecimento; como nível de formação, representa uma quantidade e qualidade de saberes capazes de iniciar um processo de transformação. (TREVIZAN, 2000, p. 180-181) A QV inclui questões como a educação, dentre outras (SANTOS et al., 2002, p. 758). | Adriano et al., 2000, Buss, 2000; Fortunato e Ruscheinsky, 2003; Rosário, 2001; Santos et al., 2002; Trevizan, 2000. |
| Moradia | A QV de uma pessoa ou de uma comunidade é definida pelas condições de habitação. Por sua vez, os atributos que concedem maior ou menor grau de conformidade desses requisitos às necessidades de um habitat sustentável relacionam-se diretamente às características socioeconômicas e culturais de cada comunidade. (CONCEIÇÃO et al., 2004, p. 85) Habitação está relacionada a QV (ADRIANO et al., 2000, p. 54) | Adriano et al., 2000; Conceição et al., 2004; Santos et al., 2002. |
| Questões políticas (condições, liberdade de expressão e participação política) | Para uns a QV pode se manifestar na liberdade de expressão e participação política, condicionamentos culturais e abrangência da democracia. (FORTUNATO; RUSCHEINSKY, 2003, p. 35-36) A ascensão econômica e social também faz parte do chamado nível de vida. Dessa forma, relacionar QV e moradia é deparar com uma série de fatores políticos e econômicos que definem essa relação em comunidades e épocas distintas. (CAMPOS, 1996, p. 127-130) | Campos, 1996; Fortunato e Ruscheinsky, 2003; Herculano, 1997. |
| Questões ligadas ao meio ambiente | A QV considera ao mesmo tempo a conservação da vitalidade e da diversidade do planeta Terra e a concentração na melhoria das condições de vida das pessoas. (SIMÕES, 2001, p. 176-177) A QV é uma soma de condições e tais como questões ambientais. (HERCULANO, 1997, p. 92) | Fortunato e Ruscheinsky, 2003; França e Rodrigues, 1997; Herculano, 1997; Simões, 2001; |

Fonte: Levantamento bibliográfico da pesquisa.

3 Caracterização dos catadores de materiais recicláveis

No início do século XX, conforme Juncá (2004), havia uma figura chamada velho *garrafeiro* que marcava, de algum modo, o surgimento dos catadores no Brasil. Para a autora, é a partir dos anos 1950, com o desenvolvimento da sociedade industrial, que outros materiais, tais como o vidro, começaram a despertar interesse ao conhecido *garrafeiro*. Desde então, começaram a

se juntar novos personagens, como *o papeleiro, o latoeiro, o comprador de ferro velho*. Gradativamente, surgiu a figura do catador de rua, lixões, aterros e, posteriormente, a dos catadores vinculados a cooperativas e associações.

Em verdade, Ribeiro e Lima (2000) ressaltam que a atividade dos catadores começa a ganhar importância a partir da constatação da necessidade de preservação e possibilidade de escassez dos recursos naturais. A prática da coleta de materiais recicláveis trata do reaproveitamento dos resíduos que normalmente são erroneamente chamados de lixo, mas que deveriam sempre fazer parte de um sistema de gerenciamento integrado de lixo. Paixão (2003, p. 272) afirma ser este trabalho indispensável tanto sob o ponto de vista econômico quanto do ponto de vista social.

Segundo Fossá (2006), as pessoas que vivem da coleta de lixo passam a formar uma comunidade proveniente de uma nova cultura: a cultura do lixo, a qual teve sua origem a partir de um alto crescimento da população em zonas urbanas, gerando uma grande produção de lixo. Esse crescimento constante da sociedade tende gradativamente a produzir mais lixo e mais pessoas marginalizadas. Pichler (2006) acredita que as redes sociais enriquecem a vida e assim contribuem para a QV.

Os catadores desempenham um trabalho desprezado pela maioria da sociedade. Na sociedade feudal eles eram considerados como um corpo marginal e, a partir da Revolução Industrial, passaram a ser considerados como massa sobrando (SCHMITT, 1990). Na sociedade moderna, a catação é uma forma de permanecerem de algum modo nesta sociedade como trabalhadores honestos; é no lixo que encontram a possibilidade de sustento; é com criatividade e persistência, que resignificam aquilo que encontram e já foi descartado por muitos, assim, para eles passa a ter utilidade, seja vendendo o material ou fazendo uso do mesmo.

Atualmente, a presença dos catadores vem crescendo, quantitativa e qualitativamente, e chamam a atenção para o trabalho desempenhado por eles diariamente. Por meio da catação ou de manifestações públicas realizadas, passam a ganhar maior visibilidade no cenário urbano. Tal visibilidade remete a algumas indagações: Quem são esses catadores? De onde surgiram? Como vivem? O que catam? (FOSSÁ, 2006, p. 63).

Cabe ressaltar que as pessoas que trabalham com o lixo, de ajudantes aos operadores de veículos, equipamentos e máquinas, vinculadas ao Sistema de Limpeza Urbana, catadores associados às cooperativas de trabalho ou não, deverão dispor de condições favoráveis ao equilíbrio bio-psico-social. É importante lembrar que a Portaria nº 82, do Ministério do Trabalho, de 8 de Junho de 1978 (Norma nº 15), qualifica a atividade que manipula lixo como sendo insalubre em grau máximo, em razão de essa modalidade de trabalho exigir contato permanente com agentes nocivos à saúde. De acordo com Yang et al. (2001), o contato contínuo com agentes nocivos à saúde, faz com que a coleta de lixo seja uma das atividades profissionais mais arriscadas e insalubres.

O profissional dos catadores de lixo tem como perfil o semelhante ao de pessoas de baixa escolaridade, com capacidade para executar trabalhos e técnicas manuais, que perderam o emprego em setores da economia capitalista, rural ou urbana, e catam lixo como alternativa de sobrevivência. Suas moradias, em geral rústicas, são transformadas em locais de separação e estocagem de lixo para revenda, suscetíveis à atração e reprodução de vetores de doenças e propagação de incêndios. O aumento da quantidade de catadores nas ruas, lixões ou aterros, pode ter relação com a atividade econômica capitalista, que em períodos de crise reduz postos

de trabalho, sobretudo para indivíduos com o perfil desses trabalhadores (ROBAZZI, 1997; VIEIRA, 2002, 2006).

Conhecer um pouco da atividade dos catadores de materiais recicláveis, bem como saber quem eles são, de que maneira vivem, quais os materiais coletados em seu ofício, o que os leva a determinados comportamentos e compreender qual a percepção de QV para eles, serão questões abordadas no capítulo a seguir, a partir da aplicação do método e da obtenção dos resultados.

4 Metodologia: design etnográfico

Para estudar o campo das ciências sociais, não se pode utilizar a mesma metodologia aplicada às ciências naturais. Para Souza Santos (1997), a ciência social será sempre subjetiva e não objetiva como as ciências naturais; desse modo, é necessário utilizarem-se métodos de investigação e até critérios epistemológicos diferentes dos utilizados nas ciências naturais, ainda que o referido autor não reforce a dicotomia entre ciências sociais e ciências naturais.

Nessa busca por uma tipologia que atenda às ciências humanas, foi realizado um estudo etnográfico com os catadores de materiais recicláveis, uma vez que, na visão de Andion e Serva (2006), esta modalidade tem como objeto fenômenos organizacionais.

A metodologia foi realizada considerando-se a análise categórica da manifestação da QV em conjunto com os catadores de materiais recicláveis da ACMR, tendo como base, primeiramente, a identificação da percepção dos fatores da QV e, posteriormente, a análise da manifestação dos fatores da QV dos catadores. Para tanto, utilizou-se a técnica das entrevistas em profundidade porque a ausência de categorias analíticas provisórias implicou a busca por categorias emergentes, o que ocorreu em três passos, a saber: entrevistas, transcrição e interpretação.

a) Entrevistas: momento em que foram realizadas as visitas e entrevistas com os catadores (gravadas) com amostra não-probabilística por conveniência, totalizando ao final vinte e quatro entrevistas por motivo de saturação teórica ao longo de vinte à ACMR (sete visitas quando a associação estava instalada ao lado da Ponte Pedro Ivo Figueiredo de Campos e treze visitas na atual sede no Centro da cidade de Florianópolis), com duração de aproximadamente de duas horas cada, totalizando cerca de quarenta horas em campo e somando sete horas, trinta e três minutos e dezessete segundos de gravações.

A saturação teórica, conforme aludem Glaser e Strauss (1967), é um critério de julgamento para o encerramento da amostra de um grupo relacionado a uma categoria. Saturação significa que, à medida que vá vivenciando casos similares, o investigador adquire confiança empírica de que não mais se encontram dados adicionais que possam contribuir para o desenvolvimento de propriedades da categoria. Quando uma categoria está saturada, o pesquisador sai de seu caminho para buscar grupos que revelem a diversidade dos dados tanto como seja possível, a fim de assegurar-se de que a saturação se embasa na gama mais ampla dos dados sobre a categoria. Este critério atribui ao processo de amostragem qualitativa um caráter de cientificidade, indiferente à aleatoriedade representativa da amostra estatística.

b) Transcrição: fase em que todas as entrevistas coletadas foram escritas, de modo que este momento durou cerca de vinte e uma horas para, posteriormente, serem analisadas. Brown e

Yule (1993) constatam que, nas transcrições dos relatos orais (entrevistas), se procura registrar o mais fielmente possível o que é dito, evitando-se a inferência de polir a linguagem empregada. Consequentemente, em vários fragmentos aparecem formas aparentemente agramaticais, bem como exemplos de repetição, titubeios e orações incompletas, fenômenos comumente encontrados nas transcrições de textos orais. Assim, as breves aparecem assinaladas com -, as pausas mais largas com + e as pausas prolongadas com ++.

c) Interpretação: finalização da pesquisa e encaminhamento aos resultados com a interpretação categórica e a construção do texto com os resultados da pesquisa.

5 Análise e discussão dos resultados

5.1 Quem são os coletores de materiais recicláveis da ACMR?

Para entender quem são os catadores da ACMR é necessário saber acerca do seu surgimento na região. A maior parte dos catadores surgiu com a impossibilidade de continuar a ganhar seu sustento com o trabalho no campo, haja vista a intensa exploração da mão-de-obra por parte dos proprietários de terras. Assim, algumas pessoas que trabalhavam no Oeste de Santa Catarina migraram para Florianópolis na tentativa de uma vida melhor e, a partir da constatação dessa possibilidade, o convite foi estendido aos colegas e a outras famílias que, posteriormente, tomaram a mesma decisão. Além destes, outras pessoas que moravam na capital também passaram a trabalhar no mesmo local, com a catação, e a partir disso, um grupo bem maior foi se formando.

A ACMR encontra-se instalada na Avenida Governador Paulo Richard, ao lado da Estação de Tratamento de Esgotos da Companhia Catarinense de Águas e Saneamento - CASAN, no centro da capital, conta com cerca de 45 pessoas e uma área aproximada de 3.000 m², sem galpão, com um terreno arenoso e em condições inadequadas de trabalho. São utilizados em torno de 35 carrinhos de propriedade dos catadores, 20 mesas de triagem improvisadas a céu aberto, uma balança eletrônica com capacidade para pesar 1.000 kg e 4 contentores de 30 m³ de propriedade dos compradores dos materiais. Além da falta de equipamentos e infra-estrutura, existe uma questão muito perigosa que é o acesso dos catadores a este local visto a necessidade de atravessar a avenida que contém seis pistas bastante movimentadas. (PIRES, 2008).

Não há local próprio para as necessidades fisiológicas, nem mesmo iluminação e água potável, o que causa diversos transtornos e possíveis problemas de saúde para os trabalhadores. Há barracas que foram construídas por eles próprios, alguns são de madeiras, outros de metal ou plástico, os quais são cobertos por lonas, panos ou telhas. No interior de cada um, são encontrados os utensílios e ferramentas que possam ser úteis no dia-a-dia dos catadores, assim é possível encontrar panelas, chaves de fenda, pneus, colchões, fogões, pratos, vasilhas, espelhos, roupas, dentre outros. Tais constatações reforça as condições semelhantes encontradas no estudo de Cavalcante Neto et al. (2007).

Cada catador ou grupo de catadores tem um carrinho próprio para realizar sua coleta diária. A primeira coleta é iniciada logo depois de sua chegada à associação e retirada de seu carrinho, ou depois do descarregamento do material coletado no dia anterior. Durante o trajeto, pré-determinado por cada um, são recolhidos os materiais recicláveis que serão levados à associação novamente para triagem e, posteriormente, vendidos. Aquino (2007) verificou que

os materiais coletados pelos catadores são vendidos para intermediários, que, posteriormente, encaminham para indústrias recicladoras ou outros intermediários.

Boeira et al. (2007) observam que, desde o fim da década de 1990 até os dias de hoje, os catadores têm recebido o apoio de organizações profissionais de diversos órgãos, em especial da Companhia de Melhoramento da Capital –COMCAP e de universidades, têm superado parte de suas divergências internas, mas uma consequência disso trata-se dos novos desafios organizacionais. Pelo que se observou no estudo, eles encontram-se em um estágio pré-cooperativista e a falta de políticas públicas que apoiem a reciclagem ainda é uma realidade em Florianópolis, ainda que já se tenha trilhado algum caminho neste sentido, especialmente em termos de levantamento de dados.

Segundo Beck (1997), são diversos os catadores que, no ensejo de reverter o processo de condição social em que vivem e da busca de sua própria sobrevivência, organizam-se através de associações e cooperativas, que o autor nomeia de subpolíticas. A partir da compreensão do modo como a Associação se formou, o motivo que os levou a adentrar no mundo da catação e por que estão atualmente na situação em que se encontram, tanto em termos de sede quanto da forma como armazenam o material e a própria venda, é possível realizar uma contextualização sobre como foi o primeiro contato da pesquisadora com aquela população.

5.2 Categorias da qualidade de vida dos catadores da ACMR

Para entender a QV dos catadores, era preciso antes de tudo adentrar no mundo deles, conhecer sua história, o que os levava a estar ali, conhecer a vida que levavam, compreender as categorias da QV dos catadores, aprender sobre o funcionamento da associação. Isso levou as pesquisadoras a conversar sobre variados assuntos e a fazer perguntas que pudessem levá-los a compartilhar suas vivências.

Uma questão observada foi a relacionada à alimentação, vista por alguns autores como categoria de QV, a qual se revela do mesmo modo para os catadores quando eles constatarem que podem usufruir do alimento conforme suas preferências. Ao ser indagado sobre onde gastava o dinheiro recebido, um catador informou: “Ah - eu como bem + eu todo final de semana o meu churrasco eu faço - se não tiver uma carne comigo não tem - não tá bom (C20)”. O que se mostra presente também na seguinte fala: “[...] nós eu e minha mulher né - nos comemo bem - meu peso tem que ta cheio de carne - comprá os melhores produto né + por exemplo linguicinha - que nem nós compramo uma linguicinha porque era mais barato um pouco - não prestô + e vai come uma coisa que não gosta? O pobrema é só a carne - tem que tê carne - tendo carne carne né carne boa carne de porco gado galinha frango tudo quanto é tipo ne - tem de tudo vive só pa comida e comer bem”. (C8). A questão da alimentação reflete diretamente a outra categoria QV que é a saúde (BUSS, 2000).

Assim como há autores que apontam lazer como definição de QV, os catadores também vêem esse momento como tal, ainda que possa ser confundido com o momento de descanso. Então, as respostas sobre o questionamento acerca da hora de lazer concentram-se em sair, visitar os filhos, beber, dormir, como aponta um catador, reforçando os apontamentos de Marcellino (2001) : “Ai dormi - dormi é tão bom dormir cara - olha meu sono tá atrasado dormir é a melhor coisa pra se fazer - durmo durmo que é a melhor coisa que a gente faz - ah não tá louco.” (C13). E ainda corroborando ao que apresentam Franca e Rodrigues (1997) por outro catador: “ [...] nós tem que se divertir também né viver só trabalhando tem que trabalhar e

fazer festa né - trabalha pra trabalha o que sobra a gente a gente vai num parque vai na piscina com as crianças sorvete é tudo quanto é “. (C4)

Há autores que relacionam o emprego ou trabalho a QV. Para os catadores, não é tão importante definir se a catação é um emprego, um trabalho ou profissão, o que realmente importa é a possibilidade de, com este serviço, conseguirem renda. Nos dizeres de Cavalcante Neto et al. (2007, p.108) “ainda que represente uma forma de trabalho vista como degradante pela sociedade, os catadores fizeram do lixo uma maneira de obter seu sustento”. Neste estudo, um catador respondeu desta forma ao ser questionado sobre considerar este trabalho um emprego: “É pra mim é um emprego - que eu faço minhas conta compro pro meus fio compro carçado pro meus fio - sei que eu cato eu ganho tem conta pra pagá né (C17).” Neste trecho o catador reforça tal atividade como uma inserção ao mundo do trabalho segundo Fortunato e Ruscheinsky (2003). E, quando perguntados se trocariam o trabalho de catação por algum outro, assim se expressam: “Não + eu - eu não tenho patrão que me mande né - mas não é por aí - pode aparecer um patrão por aí que diga que vai pagar por dia cem real pra mim - eu largaria e ia trabalhar pra ele só o problema é o seguinte - o problema é que eu não trocaria + não trocaria - assim tá bom ++ ah assim tá bom demais pra mim [...] (C24)”.

A saúde representa QV para vários autores que abordam questões ligadas à preocupação com a saúde e a possibilidade de que a saúde venha a potencializar melhor QV. Quando os catadores se preocupam com determinados problemas que podem ocorrer com eles, tais como doenças que podem surgir em face da insalubridade do local que estão instalados. Um catador respondeu ao ser perguntado sobre possíveis problemas de saúde: “Ah doença - o que pode dar é a doença do rato só né ... aqui dá muito rato aqui né”. (C15)

Alguns catadores entendem que mesmo tendo alguns problemas de saúde é possível trabalhar, porque estes não chegam a ser empecilhos para o seu afastamento, o que pode ser notado nesta fala: “Dá sim - que se eu pego o sol me incha o rosto - dói as perna - cansa - canseira dá gripe - ataca garganta semana passada não conseguia nem falar porque tava aí puxando né - daí tá com o corpo suado daí toma garoa - daí faz mal.” (C17) Ou seja, os problemas existem, mas são desconsiderados por eles enquanto problemas, como se fizessem parte do seu cotidiano. Todavia, ressalta Sigerist (1990), a saúde somente pode ser promovida quando associada a condições de vida adequada, condições de trabalho satisfatórias, educação, cultura física e momentos de lazer e descanso.

Verificou-se que possibilidade de adquirir algo, de ter dinheiro e poder gastá-lo, ou seja, as necessidades fisiológicas inerentes ao dinheiro que podem ser alcançadas por meio da renda e também consumo de bens e serviços, mostram-se como um sinônimo de QV, definição que vem ao encontro do que alguns autores pesquisados sobre definições de QV defendem.

Quando perguntados sobre o motivo que os levava a estar ali e não em outro lugar, eram comuns respostas em torno do dinheiro porque com a catação há possibilidade de adquirir muitas coisas. Um deles chegou a dizer que ali ele ganhava bem e quando perguntado “o que é ganhar bem?”, ele respondeu: “Ganhar bem é ganhar dinheiro eu ganho bem no papelão (C4).” E vários catadores informavam que não trocariam este serviço por outro, sendo um dos principais motivos a renda. Em um estudo realizado por Gonçalves (2011) revelou que tais quantias recebidas pelos catadores são variáveis de acordo com o volume de material arrecadado, tendo que recorrer a prefeitura e a programas sociais do governo para complementar o rendimento. Se indagados sobre a possibilidade de trocar a catação por outro lugar, mais de um catador dizia que não, ou que não valeria a pena: “Ah depende né se se

levar o que eu ganho aqui né que dê pra acompanhar o preço o salário que eu ganho daí sim pode ser que eu pegue agora se é pra mim sair daqui e ganhar menos aí já não vô (C15).” Eles têm consciência de que é muito difícil, sem ter estudo, conseguir trabalhar em algum lugar ganhando o mesmo valor recebido na catação.

A educação também é vista como sinônimo de QV por alguns autores e é compartilhada do mesmo modo pelos catadores. Pelo fato de eles próprios não terem tido condições de estudar, assim, estão proporcionando tais condições aos seus filhos. Para Medeiros e Macêdo (2007) a falta de estudos associada a condição de ter que viver do trabalho de catação representam para a maioria dos catadores humilhação e vergonha. É comum vê-los desejando um futuro e um trabalho diferente aos filhos, conforme assevera um catador: “Não não quero que eles trabalhem aqui - porque eu dou estudo pra eles - pra eles aprenderem porque eu trabalho porque eu tenho que trabalhá - eu não tenho estudo entende? Eu não tenho estudo - então eu quero dar estudo pra eles pra eles não trabalhar aqui catando - pra eles não trabalhá aqui que é muito sofrido - eu eu tenho que gostá porque eu não tenho como eu vou lá na firma e não vou arrumar emprego. (C17)”. E relacionada a educação como elemento essencial no processo de transformação (TREVISAN, 2000) ao acumular uma quantidade e qualidade de saberes, verificou-se em um outro catador tal situação: “Tô fazendo de tudo - dou o que ele precisa pra não ver ele dentro de um carrinho puxando + pra mim eu gosto mas ele eu quero que ele cresça - freqüente uma universidade”. (C13)

Ter uma moradia ou até as condições em que uma pessoa tem a sua moradia é notada por alguns como QV, de modo que quanto melhores as condições da moradia, melhor é a QV, do mesmo modo, há catadores que acreditam que QV seja sinônimo de moradia e lutam para conquistar um lugar para morar: “Importante é juntar dinheiro - que eu quero ter o meu carrinho ainda né + tive tal mas agora não tenho mais - e ter minha casa própria sabe - porque aonde eu moro é desse carinho que eu trabalho junto”. (C10). Há também quem tenha a sua casa própria, mas sinta vontade ou necessidade de fazer manutenções, conforme aponta este catador: “[...] tenho que fazer uma reforma lá em casa sabe a casa ta velha vou ter que fazer uma reformazinha”.(C22)

Outra questão relativa a QV apontada pelos autores está na participação política, na liberdade de expressão, nas lutas que se enfrentam no dia-a-dia, indo de encontro ao que os catadores acreditam que seja a sua própria liberdade de expressão e manifestação pública, quando buscam o seu espaço na sociedade. A participação política, ressaltada por Fortunato e Ruscheinski (2003), também está presente no ambiente de trabalho, por meio das eleições que a associação realiza, momento em que ocorrem brigas por causa de cargos e opiniões divergentes, o que se expressa na fala deste catador: “É agora - agora essa época aí é tudo de briga né - um faz uma chapa outro faz outra mas é só na hora da eleição mesmo - que daí um quer pegar o cargo outro não quer - negócio é ficar esperto. (C15).” E outro: “[...] é um direito que ele tem - cada um tem o direito né - ... cada um vai ver quem que cada um vai escolher”. (C6)

O meio ambiente é tema que determinados autores apontam como QV no que se refere as questões ligadas a preservação e a utilização correta de recursos naturais e, do mesmo modo, é uma preocupação dos catadores, pois eles contribuem com práticas que evitam a degradação ambiental, o que se reflete nesta fala: “Mas imagina - é o que a gente mais sabe porque se não fosse a gente trazer todos os materiais o que que seria da nossa cidade hoje e os aterros sanitários como é que estariam e a nossa natureza que já não é muito bonita o que seria da nossa mata nosso verde.” (C3) Para Cavalcante Neto et al. (2007), é preciso refletir o papel do catador como um agente dissimulador de uma cultura ambientalista e analisar a sua

prórpai consciência como relevante agente ambiental. Outro catador assim se expressa: “[...] a gente tá limpando a cidade - uma coisa que vai ser vai ser enterrado vai ser pro lixo aí pô - olha só ta catando eles vão reciclar vão fazer tudo novamente sem ter que desmatar a natureza - sem ter que destruir mais né - eu acho assim que eles deviam dar um pouquinho mais de valor [...]”. (C22)

Após verificar os fatores da QV para os catadores e analisar como estes se manifestam, visualizam-se no quadro 2 as categorias de QV conforme a compreensão dos autores estudados, e aquelas que os catadores compreendem como sendo QV e a manifestação na fala deles:

Quadro 2 – Categorias da QV dos catadores de materiais recicláveis da ACMR

| Categorias de QV conforme autores | Categorias emergentes da QV para os catadores | Trechos discursivos |
|--|---|--|
| Alimentação | Alimentação como QV está em comer bem e comer o que deseja. | “Ah - eu como bem + eu todo final de semana o meu churrasco eu faço - se não tiver uma carne comigo não tem - não tá bom”. (C20) “[...] nós eu e minha mulher né - nos comemo bem - meu peso tem que ta cheio de carne - comprá os melhores produto né + por exemplo linguicinha - que nem nós compramo uma linguicinha porque era mais barato um pouco - não prestô + e vai come uma coisa que não gosta? O pobrema é só a carne - tem que tê carne - tendo carne carne né carne boa carne de porco gado galinha frango tudo quanto é tipo ne - tem de tudo vive só pa comida e comer bem”. (C8) |
| Lazer | Lazer como momento para diversão ou descanso. | “ [...] nós tem que se divertir também né viver só trabalhando tem que trabalhar e fazer festa né - trabalha pra trabalha o que sobra a gente a gente vai num parque vai na piscina com as crianças sorvete é tudo quanto é “. (C4) “Ai dormi - dormi é tão bom dormir cara - olha meu sono tá atrasado dormir é a melhor coisa pra se fazer - durmo durmo que é a melhor coisa que a gente faz - ah não tá louco.” (C13) |
| Emprego/trabalho (serviço), autonomia no trabalho. | Emprego ou trabalho de modo que este represente um meio de buscar a sustentação. Dentro desta questão pode-se verificar também a autonomia no trabalho. | “É pra mim é um emprego - que eu faço minhas conta compro pro meus fio compro carçado pro meus fio - sei que eu cato eu ganho tem conta pra pagá né”. (C17) “Não + eu - eu não tenho patrão que me mande né - mas não é por aí - pode aparecer um patrão por aí que diga que vai pagar por dia cem real pra mim - eu largaria e ia trabalhar pra ele só o problema é o seguinte - o problema é que eu não trocaria + não trocaria - assim tá bom ++ ah assim tá bom demais pra mim”. (C24) |
| Saúde | Cuidados com a saúde e possíveis problemas de saúde que possam vir a ter. | “Ah doença - o que pode dar é a doença do rato só né ... aqui dá muito rato aqui né “. (C15) “Dá sim - que se eu pego o sol me incha o rosto - dói as perna - cansa - canseira dá gripe - ataca garganta semana passada não conseguia nem falar porque tava aí puxando né - daí tá com o corpo suado daí toma garoa - daí faz mal.” (C17) |
| Renda (recursos econômicos) para o consumo de bens e serviços (fascinio por conquistas materiais, ascensão econômica e social) | Possibilidade de adquirir o que deseja, sendo ou não destinado às necessidades básicas. | “Ganhar bem é ganhar dinheiro eu ganho bem no papelão”. (C4) “Ah depende né se se levar o que eu ganho aqui né que dê pra acompanhar o preço o salário que eu ganho daí sim pode ser que eu pegue agora se é pra mim sair daqui e ganhar menos aí já não vô”. (C15) |
| Educação (acesso à educação, condições científico-culturais) | Educação para os filhos, já que eles próprios que não puderam estudar. | “[...] não quero que eles trabalhem aqui - porque eu dou estudo pra eles pra eles aprenderem porque eu trabaio porque eu tenho que trabalhá - eu não tenho estudo entende? [...]” (C17) “Tô fazendo de tudo - dou o que ele precisa pra não ver ele dentro |

| | | |
|---|---|--|
| | | <i>de um carrinho puxando + pra mim eu gosto mas ele eu quero que ele cresça - freqüente uma universidade". (C13)</i> |
| Moradia | Lugar para morar, condições de habitação. | <i>"Importante é juntar dinheiro - que eu quero ter o meu carrinho ainda né + tive tal mas agora não tenho mais - e ter minha casa própria sabe - porque aonde eu moro é desse carinho que eu trabalho junto". (C10) "[...] tenho que fazer uma reforma lá em casa sabe a casa ta velha vou ter que fazer uma reformazinha". (C22)</i> |
| Questões políticas (condições de expressão e participação política) | Liberdade de expressão, participação política, acesso ao direito ao trabalhar, cidadania. | <i>"É agora - agora essa época aí é tudo de briga né - um faz uma chapa outro faz outra mas é só na hora da eleição mesmo - que daí um quer pegar o cargo outro não quer - negócio é ficar esperto." (C15) "[...] é um direito que ele tem - cada um tem o direito né - ... cada um vai ver quem que cada um vai escolher". (C6)</i> |
| Questões ligadas ao meio ambiente | Consciência da necessidade de preservação do meio ambiente. | <i>"Mas imagina - é o que a gente mais sabe porque se não fosse a gente trazer todos os materiais o que que seria da nossa cidade hoje e os aterros sanitários como é que estariam e a nossa natureza que já não é muito bonita o que seria da nossa mata nosso verde." (C3) "[...] a gente tá limpando a cidade - uma coisa que vai ser vai ser enterrado vai ser pro lixo aí pô - olha só ta catando eles vão reciclar vão fazer tudo novamente sem ter que desmatar a natureza - sem ter que destruir mais né - eu acho assim que eles deviam dar um pouquinho mais de valor". (C22)</i> |

Fonte: Dados da pesquisa

A construção deste quadro teórico permite formular algumas possíveis definições do que seja QV para os catadores de materiais recicláveis da ACMR: (1) Qualidade de vida é encontrar na catação um trabalho honesto e por meio dela conseguir os recursos necessários para a sua vida; (2) Qualidade de vida é a possibilidade de ganhar de modo autônomo o sustento a partir da coleta de materiais recicláveis; (3) A catação é uma prática que contribui para a preservação do meio ambiente, deste modo contribui para haver QV; (4) Conseguir comprar uma casa ou reformá-la proporciona maior QV; (5) Com o dinheiro que a catação proporciona é possível comprar os alimentos necessários para satisfazer a fome é sinônimo de QV; (6) Poder consumir o alimento que desejar, se alimentando do que representa o desnecessário também é QV; (7)

É por meio do trabalho que se consegue participação política nas decisões internas da associação, nas decisões externas que envolvem a associação e, poder decidir e se expressar como qualquer pessoa é ter QV; (8) Trabalhar para investir na educação dos filhos é desejar melhor QV para o futuro deles e possivelmente garantir que também possam ter melhor QV; (9) Nos momentos de lazer, poder frequentar lugares que outras pessoas da sociedade frequentam se divertindo é ter QV; (10) Ter QV é conseguir trabalhar apesar dos possíveis problemas de saúde que a catação traz, pois o trabalho proporcionará QV por meio do lazer, alimentação, aquisição de bens ou serviços.

6 Considerações finais e recomendações

Este estudo objetivou compreender a manifestação das categorias da qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis da ACMR - Associação de Coletores de Materiais Recicláveis, em Florianópolis/SC. A utilização da pesquisa etnográfica unida à Qualidade de Vida (QV) juntamente com os sujeitos catadores de materiais recicláveis permitiu a compreensão da manifestação de tais categorias dos sujeitos analisados - pessoas que fazem parte de uma mesma classe social, cujos costumes, hábitos, assim como a forma de pensar e agir são comuns, em função da vida que levam.

Estudar a etnografia foi algo que se construiu com o tempo, a partir do convívio com os catadores, da aceitação do grupo. As pesquisadoras também passavam a ser consideradas como alguém que fazia parte da associação e com a sua própria percepção de que se tornava aos poucos também uma nativa, conseguindo por vezes buscar o olhar e procurar sentir do mesmo modo que os nativos da ACMR. Cada associação de catadores tem a sua própria cultura, em alguns pontos podem se assemelhar como em outros se tornar distantes. Na ACMR, o que os move a estar juntos nesta associação é a busca constante pela QV.

Para os catadores, a QV pode ser vista como toda e qualquer possibilidade de melhorar as condições em que se encontram no momento atual, pois são indivíduos que buscam sempre uma vida melhor, o que foi possível identificar no momento em que se faz a retomada histórica da vinda dos catadores para a cidade e nas sucessivas lutas por seu espaço na sociedade.

Uma limitação encontrada foi a impossibilidade da maioria dos catadores deixar um pouco o trabalho para responder às entrevistas, como cada minuto é importante, às vezes parar um tempo pode custar muito, então a maioria falava, respondia, fazia brincadeiras, perguntava mas trabalhava ao mesmo tempo.

Este estudo pode ser visto como mais uma ferramenta para a compreensão do funcionamento de uma população sob o olhar etnográfico. Desse modo, uma sugestão para trabalhos futuros, que pode contribuir para a continuidade deste, encontrasse na busca da QV em outras associações de catadores de materiais recicláveis, no sentido de conhecer mais profundamente estes sujeitos, visto que as pesquisas sobre os catadores ainda são recentes. A partir dos estudos de Buss (2000), Minayo, Hartz e Buss (2000), Minayo e Miranda (2002), Cavalcante e Franco (2007), sugere-se ainda, dada a gravidade de riscos a saúde que este tipo de ocupação proporciona quando do manejo de materiais contaminados, promover um estudo mais aprofundado junto a estes sujeitos no que tange a saúde e a qualidade de vida.

Referências

ADRIANO, J. R. et al. A construção de cidades saudáveis: uma estratégia viável para a melhoria da qualidade de vida? **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 53-62, 2000.

ANDION, C.; SERVA, M. A etnografia e os estudos organizacionais. In: GODOI, C, K; BANDEIRA-DE-MELLO, R; SILVA, A. B. D. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, p. 147-166, 2006.

AQUINO, I. F. **Proposição de uma rede de associações de catadores na região da grande Florianópolis**: alternativa de agregação de valor aos materiais recicláveis. (Dissertação Mestrado em Engenharia Ambiental), Florianópolis, 2007. Departamento de Engenharia Ambiental, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

ASLAKSEN, J.; FLAATTEN, A.; KOREN, C. Explorations on economics and quality of life. **Feminist Economics**, Bronxville, IAFFE, v.5, n.2, p. 79-82, 1999.

BECK, U. **World risk society**. Malden/USA: Polity Press, 1997.

BOEIRA, S. L.; CAMPOS, L. M. S.; FERREIRA, E. Redes de catadores-recicladores de resíduos em contexto nacional e local: do gerencialismo instrumental à gestão da complexidade? **Organização e Sociedade**, Salvador: UFBA, v.14, n.43, p.37-55, 2007.

BOWLING, A. What things are important in people's lives? A survey of the public's judgements to inform scales of health related quality of life. **SocSciMed**, n. 41, p. 1447-1462, 1995.

BRASIL. **Ministério do Trabalho**. Portaria n. 82, de 08 de Junho de 1978.

BROWN, G.; YULE, G. **Análisis del Discurso**. Madrid: Visor Libros, 1993.

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000.

CAMPOS, R. H. D. F. (Org.). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CAVALCANTE NETO, A. L. G.; REGO, A. R. F do; LIRA, A.; ARCANJO, J. G.; OLIVEIRA, M. M de. Consciência ambiental e os catadores de lixo do lixão da cidade do Carpina-PE. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v.19, p.99-109, Jul./Dez. 2007.

CONCEIÇÃO, M.; SCUSSEL, B.; SATTler, M. A. Qualidade do espaço residencial e sustentabilidade: (Re)discutindo conceitos e (dês)construindo padrões. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Belém: Anpur, v. 6, n. 2, 2004.

FARQUHAR, M. Definitions of quality of life: a taxonomy. **J AdvNurs**, n. 22, p.502-508, 1995a.

FARQUHAR, M. Elderly people's definitions of quality of life. **SocSci Med**, n. 41, v. 1, p.1439-1446, 1995b.

FIGUEIREDO, P. J. M. **A Sociedade do lixo: resíduos, a questão energética e a crise ambiental**. 2. ed. Piracicaba: Atlas, 1995.

FORTUNATO, E.; RUSCHEINSKY, A. O ordenamento do espaço urbano e políticas sócio-ambientais. **Revista Eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 11, 2003.

FOSSÁ, M. I. T. As representações sociais construídas pelos catadores de materiais recicláveis. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração; 30., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador, ANPAD 2006.

FRANÇA, A. C. L.; RODRIGUES, A. L. **Stress e trabalho: guia básico com abordagem psicossomática**. São Paulo: Atlas, 1997.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The Discovery of Grounded Theory**. Chicago: Aldine, 1967.

GONÇALVES, M. A. Transformações e permanências no trabalho de catação: organização e precarização. **Revista Pegada**, Edição Especial, p.20-50, Jul./2011.

HERCULANO, S. C. A qualidade de vida e seus indicadores. In: MUELLER, C. C. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 79-92, 1997.

JUNCA, D. **Mais que sobranes**: trajetórias de sujeitos no lixo. 2004. 237 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Rio de Janeiro, 2004. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arauca. 2004.

MAGERA, M. **Os empresários do lixo**: um paradoxo na modernidade: análise interdisciplinar das cooperativas de reciclagem de lixo. Campinas: Átomo, 2003.

MARCELLINO, N. C. Lazer e qualidade de vida. In: MOREIRA, W. W (Org.). **Qualidade de vida**: complexidade e educação. Campinas: Papyrus, p. 45-59, 2001.

MEDEIROS, L. F. de R.; MACÊDO, K. B. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v.3, n.2, p.72-94, 2007.

MINAYO, M. C. de S.; HARTZ, M. de A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.5, n.1, p.7-18, 2000.

MINAYO, M. C. de S.; MIRANDA, A. C. M. (org.). **Saúde e ambiente sustentável**: estreitando nós. Rio de Janeiro: Fiocruz-Abrasco, 2002.

MOREIRA, W. W. (Org.). **Qualidade de vida: complexidade e educação**. Campinas: Papyrus, 2001.

PAIXÃO, L. P. Catadoras de dignidade: assimetrias e tensões em pesquisa no lixão. In: ZAGO, N; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Org.) **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, p. 175-280, 2003.

PICHLER, F. Subjective quality of life of young europeans. feeling happy but who knows why? **Social Indicators Research**, v. 75, n.3, p. 419-444, Springer, 2006.

PIRES, T. S. L. Rede de catadores de SC: capacitação para autogestão e agregação de valor aos materiais recicláveis como meios de inclusão social dos catadores. Florianópolis: **Relatório final**, CNPQ, abril 2008.

RIBEIRO, T. F.; LIMA, S. C. Coleta seletiva de lixo domiciliar – estudo de casos. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 1, p. 61-85, dez. 2000.

ROBAZZI, M. L. Lixo: trabalhadores que lhe mantém contato ocupacional e relacionamentos entre ambos, com ênfase na cidade de Ribeirão Preto, estado de São Paulo. 1997. 203 p. Tese (Livre docência em Enfermagem). EERP / USP - Departamento de Enfermagem Geral e Especializada. 1997.

ROSÁRIO, T. Qualidade de vida: juventude, idade adulta e educação. In: MOREIRA, W. W (Org.). **Qualidade de vida**: complexidade e educação. Campinas: Papyrus, p. 158-164, 2001.

SANTOS, S. R.; SANTOS, I. B. C.; FERNANDES, M. G. M.; HENRIQUES, M. E. R. M. Qualidade de vida do idoso na comunidade: aplicação da escala de Flanagan. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, n. 6, v. 10, p. 756-764., nov./ dez. 2002.

SCHMITT, J. C. A história dos marginais. In: LE GOFF, J. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SIGERIST H. **Hitos en la historia de la salud publica**. 4.ed. México: Siglo XXI, 1990.

SIMÕES, R. (Qual)idade de vida NA (qual)idade de vida. In: MOREIRA, W. W (Org.). **Qualidade de vida**: complexidade e educação. Campinas: Papyrus, 2001.

SOUZA, R. A. CARVALHO, A. M. Programa de saúde da família e qualidade de vida: um olhar da psicologia. **Estudos de Psicologia**, Natal. v. 3, n. 3, v. 8, p. 515-523, set./dez. 2003.

SOUZA SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Edições Afrontamento, 1997.

TEDLOCK, B. Ethnography and ethnographic representation. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, W. S. **Handbook of qualitative research**. London: SagePublications, 2000.

TREVIZAN, S. D. P. Ciência, meio ambiente e qualidade de vida: uma proposta de pesquisa para uma universidade comprometida com sua comunidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 179-186, 2000.

VIEIRA, E. A. **A questão ambiental do resíduo** - lixo em Ribeirão Preto, SP. 2002. 153 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, SP. 2002.

VIEIRA, E. **Lixo – problemática socioespacial e gerenciamento integrado**: o exemplo de Serra Azul/SP. 2006. 199 f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, SP. 2006.

YANG, C.; CHANG, W.; CHUANG, H.; SHANG-SHYUE, T.; WU, T.; SUNG, F. Adverse health effects among household waste collectors in Taiwan. **Environmental Research**, v. 85, p. 195-199, 2001.

ZULAR, A. A empresa de qualidade e a qualidade de vida. **Instituto de Qualidade de Vida – IQV**, São Paulo, 2006.

Júlia Cristiane Schultz Pereira

Mestre em Administração pela Universidade do Vale do Itajaí (2008). Professora do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial de São José. Endereço: Rua Uruguai, 458. Centro. Itajaí - Santa Catarina - BR. CEP 88302-202. E-mail: julinh@floripa.com.br.

Christiane Kleinübing Godoi

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Professora Titular da Universidade do Vale do Itajaí. Endereço: Rua Uruguai, 458. Centro. Itajaí - Santa Catarina - BR. CEP 88302-202. E-mail: chriskg@univali.br.

Ana Lúcia de Araújo Lima Coelho

Doutoranda em Administração pela Universidade do Vale do Itajaí. Professora Assistente da Universidade Federal do Acre. Endereço: Rua Uruguai, 458. Centro. Itajaí - Santa Catarina - BR. CEP 88302-202. E-mail: alalcoelho@gmail.com.